A Vacina

MARCELLI MARCOS

Copyright © 2020 Marcelli Marcos

Todos os direitos reservados.

Revisão: Lucie Amaral

Dedico esse livro a todos que possuem sonhos, e não desistem deles. Não importa quanto tempo durará a tentativa de realizá-los, mas desistir, não lhe deixará mais próximo deles.

CONTEÚDO

	Agradecimentos	i
1	Capítulo 1	3
2	Capítulo 2	15
3	Capítulo 3	28
4	Capítulo 4	35
5	Capítulo 5	47
6	Capítulo 6	59
7	Capítulo 7	91
8	Capítulo 8	106
9	Capítulo 9	142
10	Capítulo 10	154
11	Capítulo 11	188
12	Capítulo 12	214
13	Capítulo 13	250

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe por acreditar que suas filhas podem tudo. Por se orgulhar com o nosso básico, e nos incentivar a ter tudo. Por abrir um sorriso com os olhos quando fala das nossas conquistas a alguém, por me dar uma Irmã/amiga, e principalmente por nos ensinar que devemos nos rodear de pessoas com uma energia boa, isso realmente faz toda a diferença. E falando em energia boa, queria agradecer a todos os meus amigos que ao longo desse período de escrita, e espera com o intuito de A VACINA ser publicado, me incentivaram e vibraram junto comigo. Ter pessoas assim por perto faz toda a diferença. OBRIGADA!

INTRODUÇÃO

Luiz, um biomédico que se encontra cansado e ao mesmo tempo temente quanto à sua segurança e de sua própria família. Diante de tantos acontecimentos observados por ele, ao longo dos anos, com seu conhecimento e experiência, ele decide produzir uma vacina, que, segundo ele, é capaz de neutralizar a maldade no cérebro humano, a fim de não existir mais a maldade junto ao mesmo e consequentemente no mundo inteiro. Ao ver resultados 100% positivos, ele decidiu ignorar os limites, passar por cima de inúmeros princípios éticos e morais a fim de que seu plano seguisse rumo ao êxito; porém as consequências começam a aparecer e o resultado não se torna assim, o tão sonhado “final feliz”.

Luiz está em cima de um palco, com um microfone em frente ao seu rosto. Todos esperam que ele fale, mas diante de tantas pessoas ele não consegue falar. Em silêncio, permanece naquela posição alguns minutos observando a todos, tentando escolher as palavras certas. Depois de respirar profundamente, começa a se pronunciar.

— Eu me chamo Luiz, e sim, eu sou o biomédico responsável por toda essa situação atual.

Após declarar essa frase, começam as enxurradas de opiniões e insultos.

— Seu doente — grita uma mulher com a aparência extremamente furiosa.

— Ele não fez isso com o objetivo de ajudar as pessoas. Mentiroso. Ele acha que somos cobaias — grita outra mulher.

— Quem ele acha que é para mandar nas escolhas das pessoas? — um senhor que está usando boné vermelho.

— Isto é crime. Detenham esse bandido — diz um menino.

E muitos continuam a concordar com essas pessoas, gritando em tom ofensivo e negativo. Porém um homem começa a chamar a atenção falando mais alto que os outros e repetindo a mesma frase.

— Ele não é o vilão, olhem com outros olhos essa situação.

Hoje as coisas estão agitadas; no entanto, nem sempre elas foram assim. Há oito meses, Luiz mal era conhecido em seu bairro. Não era odiado, tampouco amado por pessoas que não fossem de seu convívio íntimo. Ele era somente um pai de família típico como qualquer outro. Trabalhava, assistia futebol e divertia-se com sua família; contudo, tomou a decisão de não ser mais dessa forma. Tal decisão não foi tomada, porque ele não apreciava tal vida, pelo contrário, ele sempre venerou o que tinha. E alguns homens, para saírem da rotina, compram motos potentes, inventam hobbies aventureiros, arrumam amantes, mas ele? Ele ama intensamente sua família e sua vida, e se há algo que ele sempre quis no mundo, é que

tudo continuasse exatamente como está, pelo máximo de tempo possível. Dessa forma, ele mudou as coisas de um modo bem diferente, e tudo começou naquela manhã fria de 13 de junho.

— Pai, por favor, me alcance o pão de queijo — pede sua filha mais velha, que está com uma das mãos estendida esperando os pães, enquanto mexe freneticamente com a outra mão em seu celular. Luiz lhe alcança os pães enquanto algo rotineiro, ainda assim, doloroso lhe chama a atenção no noticiário. A notícia que lhe prende a atenção, é sobre um filho que assassinou a sua própria mãe naquela madrugada, em razão do uso excessivo de entorpecentes. Como não ficar chocado com tal notícia? Ainda mais ele sendo pai.

— Como é possível algo agir assim em nosso cérebro a ponto de um ser humano cometer terríveis atos?

— Pessoas são difíceis de lidar em seu estado lúcido. Pessoas fora de sua lucidez, é o próprio caos. Não foque seu tempo, nem sua atenção em tragédias, isso vai lhe consumir.

— Não fará diferença, pois infelizmente essa é a nossa realidade, esse é o nosso mundo. Quando saímos de casa é isso que infinitamente observamos. Muitas vezes não precisamos nem sair de casa, a violência desloca-se até nossa casa — exclama Luiz.

Emi, sua filha, mastiga bem devagar aquele macio pedaço de pão de queijo e, olhando fixamente dentro dos olhos dele, ela diz — pare com isso, pai. Já basta a mamãe que acorda com um mau humor tão colossal que por vezes, nem ela se suporta. Não seja você também tomado por péssimos sentimentos, logo pela manhã. Não vamos começar o dia assim. Vamos colocar sorrisos em nossos rostos. A vida logo acaba, desse modo, temos que ver o lado bom enquanto temos o privilégio de estarmos vivos. E sim, faz toda a diferença você mudar o foco de seus pensamentos. Se você focar em carros brancos, verá a todo o momento eles na rua. Se você acha que está grávida, aparecerá 200 grávidas ao virar a esquina. Então se você fixar seus pensamentos no quão péssimo está o mundo, não será a bondade que você verá, não é?

— Você tem toda a razão, vamos mudar de assunto.

— Paizinho, falando em mudar de assunto.

Sempre que ela fala Paizinho significa que ela usará todo seu poder de persuasão com o propósito de convencê-lo sobre algo — eu preciso do seu carro emprestado hoje.

— Eu sabia; no entanto hoje não terei como te ajudar, meu amor. Pois irei ficar até mais tarde no laboratório. Sua mãe terá que ajudá-la...

— Mas ela detém de muitos compromissos hoje, não poderá me emprestar também. Podemos fazer assim, eu o deixo no laboratório, e a mamãe lhe busca, pode ser?

A conversa é interrompida pela chegada de Dóris, a diarista do lar. Dóris chega falando alto, mas com pouco fôlego.

— Se acalme Dóris, o que aconteceu? — pergunta Bia

— Dona Bia, eu fui assaltada assim que parei no semáforo. Os ladrões me fizeram descer da moto. Levaram minha moto, minha bolsa e tudo dentro, inclusive meu celular que eu nem ao menos terminei de pagar.

— Se acalme, pelo menos eles não fizeram nada com você. E nós sabemos que eles matam sem motivo. Vamos na delegacia. Ou melhor, Emíle irá levá-la a delegacia, e eu levo Luiz ao trabalho.

Bia, Luiz e Emíle tentam acalmá-la, enquanto terminam de juntar os seus pertences para irem embora.

— Mas e a senhorita, aonde vai? Por que quer tanto o carro? — pergunta Bia com as mãos na cintura, encostada no balcão da cozinha, olhando fixamente para Emi.

— Que olhos enormes mãe! Estou me sentindo a chapeuzinho vermelho falando com o lobo mau. Calma! Como eu já havia dito antes; porém vocês padecem daquele grande problema, o de não escutarem os filhos. Estou comemorando hoje 9 meses de aniversário de namoro. Ela bate palmas em prol dela mesma — Tom e eu queremos ir ao cinema, depois jantar e sair. E vocês sabem que assim como eu, ele também não possui carro, por isso preciso dele. Pode ser que fique muito tarde para nós ficarmos andando pela cidade. Entendeu mãezinha?

— Taxi? Uber?

— Ah mãe, acabamos de ver o que aconteceu com a Dóris. Andar com o próprio carro é muito mais seguro.

— Está bem. E quando iremos conhecê-lo?

— Logo, logo. É que ele é um rapaz tímido. Vamos embora Dóris?! Precisamos ir logo, porque esses trâmites são demorados.

Ao se despedirem de Emíle e Dóris eles afirmam que ela não precisa retornar ao trabalho hoje, que ela resolva esse problema, e retorne amanhã, ou quando tiver um espaço em sua agenda.

— Pobre Dóris, eu havia mencionado há pouco sobre o quanto a violência está absurda em nosso país, e de repente acontece isso.

— Além disso ainda há esse problema chamado "namorado secreto da Emi". Nove meses — afirma Bia, e continua — nós ainda não o conhecemos. Isso é estranho, muito estranho.

— Temos que respeitar o tempo dela.

— Eu sei. Mas confesso que já estou preocupada com isso. Sei que hoje os jovens são diferentes dos jovens da nossa época; no entanto não querer conhecer os pais da namorada é estranho, você não acha?

— Quem sabe ela quer conhecê-lo bem antes de apresentá-lo a nós. Talvez tenha receio que nos apeguemos a ele. Quem sabe ele é uma pessoa envergonhada. Mas talvez ela tenha receio de apresentá-lo a nós, porque sabe como você é crítica com as pessoas.

— Mas eu não sou crítica, você está louco?

Bia tem o leve costume de não gostar das pessoas, exceto seus parentes. Então qualquer pessoa que não tenha o seu sobrenome, corre um sério risco de não ser aprovado por ela.

— Um dia desses, ele aparece em nossa casa. Vamos respeitar o tempo deles. E daqui a pouco o GG também está namorando.

Quando Luiz disse isso, ela mudou seu semblante imediatamente. Dizem que as mães são mais ciumentas com os filhos homens, nesse momento Luiz seriamente começa a acreditar que seja verdade.

— Não seja bobo, ele ainda é tão novinho. Não vamos pensar nessa situação, e falando nele, conseguiu falar com o GG hoje?

— Sim, falei com ele antes dele entrar no banho. Ele ia nadar com golfinhos, ou algo assim.

— Que incrível. Estou ansiosa e muito animada para ver as fotos da viagem. Lugares bonitos. Nós deveríamos fazer uma viagem assim também — diz Bia de um modo empolgante.

— Eu também acho, meu amor. Assim que você conseguir uma escapada do seu trabalho nós vamos.

Ela vira o rosto, pega seu cappuccino na máquina e depois de dar um gole, ela responde. — Ah, mas isso é muito fácil.

— Quem lhe escuta falar, poderia achar que existe veracidade nas suas palavras.

— Mas existe. Você anda suando demais à noite. Está sonhando com a mulher do cabelo cinza de novo?

— Já faz alguns dias que não sonho com ela, acho que essa onda de sonhos passou. Mas não mude de assunto. Posso marcar nossas férias?

Ela se senta à frente de Luiz com seu cappuccino em mãos. — Seria durante o final do ano? Temos que nos programar certinho, pois há o salão, o seu laboratório, a escola das crianças. E no salão agora você sabe que há muito movimento e se eu deixar para as meninas cuidarem, elas jamais irão cuidar como eu.

— Nossas crianças são basicamente adultas. Um tem dezessete e a outra vinte anos. Você está usando desculpas demais, elas são aptas e pagas para isso. Vamos aproveitar o momento.

— Quem sabe podemos fazer uma escapada de fim de semana, somente nós dois...

— Essa sua ideia está melhor ainda. Ele segura a sua mão e diz — venha aqui.

Ela senta-se em seu colo, abraça-o bem forte, e ele consegue ver naqueles princípios de ruguinhas a menina por quem ele ficou completamente apaixonado há anos.

— Vamos ao cinema hoje à noite após nossos afazeres?

— Um programinha de casal, coisa boa — diz ela, enchendo-o de beijos pelo rosto, mas rapidamente ela olha o grande relógio da cozinha em formato de fatia de pizza, e levanta-se de seu colo — precisamos ir. Hoje terá uma cliente que tem o hábito de aterrorizar mentalmente todos meus funcionários.

— Já? Mas eu amo esse carinho.

— Podíamos pegar a sessão das 22 horas, que tal?

— Pode ser. Então meu amor, eu já vou indo também, se não vou me atrasar. Vou te esperar, eu te amo.

— Está bem — responde ela.

Ele a beija, e ela fica sorrindo. Embora ela também esteja quase atrasada, encosta-se ao balcão da cozinha e fica olhando-o ir embora. Ele sai e vai em direção à garagem. Ao chegar, repara que está sem o seu carro, e volta para a cozinha.

— A Emi levou meu carro.

Ela começa a rir de dele — eu ia lhe avisar, mas deixei seu cérebro funcionar sozinho. Irei apenas escovar os dentes e já saímos. Ah, espere. Deixe a porta de trás aberta para que Thor consiga entrar.

Thor é o porco que eles usufruem de sua companhia, ou comumente muitas pessoas possuem o hábito de dizer, Thor é o porco de estimação. Ele foi comprado como mini; entretanto agora ele é maior que todos da casa, mas ele realmente acha que é pequeno, inclusive tenta subir no colo das pessoas.

— Pronto Bia, lhe espero no carro.

Ao chegarem perto do serviço de Luiz, eles presenciam um acidente, sendo mais exato, um atropelamento. O motorista do carro que trafegava à frente deles atropelou um rapaz e ao invés de socorrê-lo acabou fugindo. Fugiu deixando o rapaz caído ao chão, gritando de dor. Ao se darem conta da cena que estavam assistindo, lembraram-se imediatamente de seus filhos, GG e Emi. Pareciam ter a mesma idade, e quando se tem filhos, a vida encontrasse em um momento bem melhor; porém também fica mais preocupante. E cada segundo que passava, a mão de Luiz suava mais e ele ficava ofegante. Ele saiu do carro e foi ao socorro do menino.

— Onde está doendo? — Perguntou Luiz sem saber ao certo o que perguntar, visto que embora ele entenda de anatomia e partes básicas da medicina, ele não é médico e sim biomédico.

— Meu braço. Meu braço está doendo demais. Não toque — diz ele quase chorando, com o braço aparentemente quebrado em diversos lugares.

— Acalme-se, não irei tocá-lo, não se mexa, você quebrou o braço. Estou chamando a ambulância, fique calmo.

Enquanto Luiz ligava para a ambulância, sua esposa tentava acalmá-lo.

— Como é seu nome? — Pergunta Bia.

— Ei moça, não toque, está doendo muito, muito mesmo.

— Eu sei, ou imagino. Tente ficar calmo. Respire fundo. Não! Fundo não, você pode ter quebrado uma costela.

— O quê? — grita ele assustado.

— Você vai ficar bem. Como é seu nome?

— Antônio, meu nome é Antônio.

— Antônio, meu nome é Beatriz. Agora fique calmo que ele está ligando para a ambulância e ela já irá chegar.

— Onde está o carro? Ele fugiu, não é? — Pergunta Antônio.

— Sim, mas depois vemos isso, eu tenho câmera em meu carro, e elas filmaram todo o acidente. Quem o atropelou não ficará impune, mas você precisa ficar calminho e não se mexer.

— A ambulância está vindo — diz Luiz retornando para perto de Bia e Antônio.

— Moço, coloque aqui perto minha mochila, por favor. Não quero que ninguém a leve.

— Vou colocá-la em meu carro e depois lhe entrego.

— Não. Ser atropelado e roubado no mesmo dia não. Vou levar minha mochila comigo, trabalho com ela.

— Não vou roubar, quero lhe ajudar, ela é muito grande para você levá-la ao hospital, eu a entrego para sua família. Onde você mora?

— Não vou ao hospital. Não gosto de hospitais. Não vou ir...

Depois de quase 40 minutos tentando convencê-lo a ir ao hospital e ele afirmando que não iria, e que queria ir embora, a ambulância chega. Ele vai ao hospital, mas leva a mochila com ele. Enquanto ele ia entrando na ambulância, ele gritava:

— Muito obrigado pela ajuda, casal — repete isso quatro vezes.

Luiz e Bia acenam para ele, e ele segue caminho ao hospital. Os dois Entram no carro e por alguns minutos ficam incrédulos. Bia liga o carro e começa a falar.

— Eu vi o GG nele. É como se fosse o GG ali caído, sem nenhum socorro.

— Eu pensei o mesmo. Como ele teve coragem de ir embora e deixar um ser humano ali caído, gemendo, sofrendo? Ele não sabe se o machucou ou não. São tantos acontecimentos negativos que eu desacredito da humanidade. São notícias terríveis todos os dias, de humanos contra humanos, de humanos contra animais, de humanos contra a natureza, que fico pensando como vou conseguir proteger meus filhos assim? Não há como. Me sinto um inútil diante disto tudo.

— Eu não sei o que pensar. Sei que isso é rotineiro, que acidentes acontecem todos os dias, mas o fato dessa pessoa ter fugido, o fato de ser um rapaz da idade de nossos filhos me dói mais.

— Quando eu era criança, sempre achei que iria mudar o mundo. Fazer grandes feitos. Que eu iria fazer algo surpreendente, mas na adolescência percebi que isto nunca iria acontecer. Por mais que eu tentasse, eu era um contra bilhões e isso me deixou extremamente frustrado por anos, até que eu decidi ser a pessoa boa que eu queria que os outros fossem.

— Você é essa pessoa realmente, você é uma pessoa boa sim. Você é incrível, meu amor. E você me ajudou quando eu estava desistindo de uma vida feliz. Então por sua causa, eu ainda acredito nas pessoas. E nunca é tarde para mudar o mundo. E você é uma pessoa tão inteligente, quem sabe você cria a solução para humanidade? Posso estacionar aqui será? — Pergunta ela sobre estacionar do lado do laboratório de Luiz.

— Pode, pode sim. Quando eu era criança, pensava exatamente sobre isso, uma cura, acho que foi por isso que virei biomédico.

— Não. Acho que foi porque sua mãe lhe deu poucas opções, médico ou biomédico. Ela não queria que vocês fossem pobres como ela foi.

— Também.

Luiz desce do carro, e ela continua a falar.

— Amor, eu te pego às 21h15min, está bem?

— Sim, está bom.

Luiz se despede dela, e entra no laboratório.

— Bom dia, seu Luiz.

— Bom dia.
Ele vai até sua sala cumprimentando e respondendo a todos que vê.

— Bom dia, Doutor Luiz — diz Tânia, sua secretária, ao bater à porta e entrar em sua sala. — Deixei alguns recados em sua mesa. Gostaria que trouxesse café para o senhor?

— Obrigada, Tânia. Não, não quero obrigado, mas se eu precisar de algo lhe chamo. E ah, parabéns pelos quatro anos de casados. Vi nas redes sociais ontem.

— Muito obrigada chefe, é incrível como passou rápido, mas parece que foi ontem que nos casamos.

— Dizem que somente aparenta passar rápido dessa maneira, quando foi muito bom.

— Não tenho do que reclamar, Doutor. E outra coisa, a inspeção é hoje. Já começou no laboratório 1, e ela vai até às 14 horas. Até lá, ninguém poderá trabalhar.

— Mas irá demorar tanto assim? Já são 10 horas.

— Sim, porque até agora só inspecionaram o laboratório 1, como eu já havia dito, mas ainda faltam os outros 3 laboratórios e todas as salas.

— Me deixe pensar um minuto... Está bem então. Libere todos os funcionários e peça para eles estarem aqui às 13h50min, inclusive você.

— Obrigada, seu Luiz; porém eu possuo alguns problemas no laboratório, e preciso resolvê-los, não posso ir.

— Mas se ninguém pode trabalhar, você também não pode. E isso é uma ordem, não quero lhe ver aqui.

— Está bem. Então irei avisá-los e sairemos. Obrigada.

Sou péssima em nomes, tanto para guardar, quanto para ter a criatividade de colocá-los aqui. Dessa forma, os nomes que apareceram aqui, são nomes que eu escutei na TV, ou li em algum lugar enquanto eu estava escrevendo. Emi por exemplo, é o apelido de uma das meninas que estavam sentadas atrás de mim no ônibus, enquanto eu estava indo para faculdade, cujo rosto eu não tenho a mínima ideia. Me lembro que chegou um rapaz, e se encostou perto delas no ônibus, e chamou uma delas de Emíle, na verdade ele disse como ele achava a Emíle bonita, e ela disse “não me chama assim, me chama de Emi”, ignorando o flerte do menino. Dessa forma, o rapaz perdeu uma chance com a Emi, eu ganhei o nome de um personagem.

Capítulo 2

Luiz fica refletindo sobre o que irá fazer todo esse período, pois está sem seu carro para sair do laboratório, e tampouco poderá ficar em sua sala. Resolveu ir para o laboratório 1, o único local do prédio que já havia sido inspecionado. Sentado em uma poltrona, ele liga para Emíle, que lhe informa que fizeram o B.O de Dóris e em seguida a levou para sua casa. Após desligar o telefone, ele teve algumas ideias. Na verdade, voltou a pensar em uma ideia que há muitos anos já havia pensado. Em certa época até tentou colocar em prática, mas logo desistiu, por puro medo. Mas dessa vez, ele resolveu colocar em prática essa ideia. A ideia de uma vacina. Ela é uma vacina atípica, comparada as outras que ele costuma produzir, ou reproduzir, e até mesmo, das que ele já testemunhou.
Luiz começou a desenvolver algo que anulasse no cérebro humano a maldade, ou que bloqueasse, pelo menos. E então o que parecia uma ideia sem fundamento começou a ter forma e sentido. E ao longo de meses, começou a fazer testes em células humanas, ensaios in vitro, e, após isso, estudos com animais de laboratório. Foram 8 camundongos, 5 deles com temperamento bastante agressivo. E os resultados cada vez mais surpreendentes. Todos significativamente positivos, o que sinceramente lhe atribuiu um grande ânimo em continuar. E assim fez. Certo dia ele estava em uma rede social, quando notou um grande post sobre 2 cães. Diversas pessoas reclamando deles. Eles possuíam um longo histórico de agressão e raiva contra qualquer ser vivo que respirasse perto deles. Ao ler toda a história, Luiz não pensou duas vezes e se manifestou dizendo que queria adotá-los. Foi ao local, recolheu-os com a ajuda de um profissional experiente e qualificado para o resgate de animais. Porém ainda havia uma parte bem pior que os recolher. Ele teria que levá-los para sua casa, e apresentá-los a sua família.
Desse modo, ele preparou sua família dizendo que havia adotado alguns cães. Cães esses que acabariam sendo sacrificados caso continuassem onde estavam. Não foi uma surpresa para sua família, visto que ele já possuía o hábito de socorrer e amparar animais. Luiz confessa que pelo temperamento dos cães, eles permaneceriam apenas dentro do canil por um período. Desse modo, não era necessário ninguém se preocupar, e que logo após a reabilitação, encontrariam novos lares. Depois de um discurso preparatório, Luiz chega em sua casa com eles. Ao vê-los no canil, latindo, rosnando e

tentando mastigar as grades desesperadamente, sua esposa pergunta — esses são os cães que você mencionou que iria adotar?

— Sim, eles mesmos. Mas não fique olhando para eles dessa forma, eu lhe disse que ia adotá-los, porque eles seriam praticamente sacrificados.

— E eu nem consigo imaginar por que aconteceria isso com eles. Olhe para aquele canil. Eles estão nos imaginando em seus estômagos já. O que eles fizeram? Comeram os antigos tutores?

— Na verdade eles foram abandonados por eles. Abandonados na própria casa que moravam. A casa era alugada, os moradores foram embora e os deixaram ali. Então a fome, a sede, o abandono acabaram causando todo esse dano a eles. E isso é apenas uma fase, eles irão ficar bonzinhos, você verá.

— Bonzinhos? — Pergunta Bia com um misto de risadas altas de ironia e nervosismo — eles são horríveis, Luiz. Não, eles são terríveis. Nem milagre os tornariam animais “bonzinhos”.

— Pare com toda essa negatividade, Bia. Eu tenho um plano para eles.

— Que será? Virar um matador de aluguel com eles?

Depois de alguns minutos conversando com a sua esposa, Luiz percebeu que ela estava realmente impressionada por ter aqueles animais tão agressivos em seu quintal.

— Não, Bia. Ninguém será morto, pelo contrário. Eles irão salvar pessoas.

— Você está falando dos mesmos animais que eu estou falando? Eu estou lhe perguntando sobre esses animais que estão aqui na nossa frente agora. Esses não serviriam nem ao menos para cães de guarda, meu amor, sinto muito.

— Amor, é simples. Eles serão voluntários de um experimento que irá salvar nosso país, quem sabe a humanidade toda.

— Experimento? Eu não ouvi esses animais dizerem que são "voluntários" em qualquer coisa que você queira fazer com eles, além disso, não sei se é a idade avançada ou se foram as drogas da juventude que acabaram com todos os seus neurônios. Que coisa é essa que você está falando? — Pergunta ela a Luiz, com semblante séria. Luiz ainda tenta explicar sua ideia, mas sem sucesso, logo que ele começa a falar, ela lhe dá as costas e vai embora para dentro de casa. Mas ao chegar à porta, ela se vira e diz — onde está o meu marido que ajudava os animais? Eles não são voluntários, e você sabe que acabará os matando, ou irá fazê-los sofrer.

— Amor, volte aqui, é sério, escute-me.

— Eles são cobaias! Eu vou tomar banho e você pode pedir uma pizza para o jantar. Ou melhor, peça comida pronta, pode ser daqueles lugares que a comida pareça bem caseira. Existem dois lugares muito bons, temos o contato deles nos imãs na porta da geladeira, escolha um. A namoradinha do GG jantará aqui em casa conosco hoje, e quero causar uma boa primeira impressão, mostrando que sou uma ótima cozinheira.

— Com a comida dos outros?

— Comprei, é minha.

— Mas faz mais de cinco anos que você não frita nem sequer um ovo. Você sabe que as crianças não irão acreditar que foi você quem fez, não é? Além disso, esses cães irão nos ajudar. Não serão cobaias, serão voluntários, e não irão ser machucados. Não é um teste do zero. Ninguém irá morrer aqui, eu já disse isso. Eles vão fazer parte da história mundial. Provarão para você e para quem quiser, que essa vacina agirá apenas na maldade instalada no cérebro, nada além.

— Vacina contra maldade? Você consegue escutar o que está falando?

— Eu lhe falei sobre essa ideia e você me incentivou a continuar com ela.

— O quê? Nunca!

— Sim, em frente ao laboratório, no mesmo dia em que Dóris foi assaltada, e que vimos aquele acidente com o menino que foi atropelado.

— Eu estava em choque, você sequer poderia levar em conta o que eu estava dizendo.

— Tarde demais. Agora está feito, ou quase feito.

— Se eu perceber que esses cães estão sendo maltratados, eu mesma irei lhe denunciar.

— E por que apenas estou sabendo agora que o GG está namorando?

— Eu soube hoje pela manhã, se isso lhe conforta.

— Vou tomar banho também.

— Primeiro a comida Luiz. COMIDA!

— Não estava indo tomar banho sem pedir a comida, minha querida!

Na verdade, ele já havia entrado em casa, e estava indo direto para o quarto para tomar banho, mas rapidamente voltou e foi em direção à cozinha. — Já estou pedindo — afirmou correndo em direção à cozinha. — Mesmo sendo o último a saber, achei muito legal que o GG irá trazê-la aqui. E você meu amor, pare de ser rude com os amigos das crianças, por favor.

— E você pare de trazer animais raivosos para casa.

Depois de pedir a comida, ele vai em direção ao banheiro no qual Bia está tomando banho.

— Que cheiro bom está saindo desse banheiro — afirma ele encostado na porta do banheiro.

— É bom, não é? Você acha que apenas você sabe fazer misturinhas nessa casa? Encontrei umas receitas na internet de sabonetes naturais incríveis e as fiz.

— Que inteligente essa minha esposa! Posso tomar banho com você, para testar esses sabonetes?

— Não pode, tranquei a porta.

E ela trancou mesmo.

— Você não irá abrir para seu maridinho?

— Vá tomar banho no outro banheiro. Quem irá receber a comida quando ela chegar? Eu tenho cabelos longos para lavar, demoro mais que você no banho. E juntos vamos demorar muito.

— Eu também tenho cabelos para lavar.

— Você raspa a cabeça, Luiz. Então você possui cabeça, não cabelos. Deixe-me tomar banho.

Depois de estarem prontos, a comida chega. Enquanto Bia rapidamente tenta desempacotar, e colocar na mesa, na tentativa ardilosa de parecer que foi ela quem fez a janta, chegam os três. Emi, GG e sua namorada. Luiz vai recepcionar as crianças.

— Oi, meus amores, eu sou o pai do GG, muito prazer — diz ele imediatamente abraçando a namorada de GG.

— Oi, pai do GG, eu sou a Rafaela, o prazer é meu.

— Venha, vou lhe apresentar a sua sogra.

Em tom de sussurro, ele fala em seu ouvido — fique tranquila que ela está querendo lhe agradar. Nem todas as sogras são terríveis.

Sua filha escuta e diz — mas cuidado com a boa vontade dela. Fique sempre de olhos abertos.

Em meio a risos, eles a levam até Beatriz.

— Oi, dona Beatriz. Ela ligeiramente se vira para GG, e continua a falar — mas você não me disse que sua mãe é tão bonita.

Bia olha para Rafaela e, cordialmente responde — minha filha, você já ganhou a sua sogra. E, além disso, meu filho tem um ótimo gosto também. Com esses olhos azuis, inclusive eu me apaixonaria por você.

Ao ver aquela cena, Luiz não sabe direito o que pensar. Não sabe se sua esposa é a melhor atriz que já havia visto, ou se ela realmente havia gostado da namorada do GG.

— Nós já podemos jantar? — Pergunta Emi, que inclusive se encontra sentada à mesa.

— Muito boa essa comida, mãe. De onde ela é? — pergunta GG quase revelando que não foi Beatriz quem a cozinhou.

— Obrigada GG, fui eu mesma que fiz.

GG e Emi param de comer imediatamente e olham para ela.

— Mas você sabe cozinhar, mãe? — pergunta GG.

— Que pergunta é essa, meu filho? É claro que sei. Até parece que vocês nunca comeram minha comida.

— Realmente não me lembro de comê-la, mas se você diz que foi você, eu acredito.

— Quem quer sobremesa? — pergunta Bia animadíssima tentando desconversar o assunto. E depois disso Luiz tem a certeza de que ela é realmente uma ótima atriz. Foi uma noite muito agradável, até que Emi se direciona ao quintal para dar comida a Thor, o porco deles. E percebe os cães, dentro do canil, olhando para Thor.

— PAI! — grita ela com uma voz desesperadora.

Luiz corre rapidamente até o quintal para ver o que aconteceu — o que houve Emi? — pergunta.

— Eles querem comer o Thor.

— Não querem não.

— Pai, de quem são esses esfomeados por bacon?

— São nossos.

— Desde quando?

— Desde hoje. Eu os adotei.

— Paizinho, olhe para mim. Por qual motivo você em sã consciência adotaria esses cães nada amáveis?

Bia aparece na porta de casa e começa a falar — nem perca seu tempo em saber o motivo, Emi, acho que ele não saberia lhe explicar de forma digna.

Emi arregala os olhos e começa a olhar em direção de Luiz — o que está acontecendo, pai?

— Como sua mãe disse, é melhor mesmo você não saber o motivo dos cães estarem aqui.

— Ah Emíle! Antes que eu me esqueça, não deixe de dar banho amanhã no Thor. Ele já está começando a cheirar mal — afirma Bia.

Emi olha para Thor comendo esfomeadamente como se não houvesse amanhã.

— E pensar que o compramos como mini porco e agora ele pesa duas centenas de quilos. Essa foi a propaganda enganosa mais pesada que podíamos ter arrumado — continua Bia a falar.

— Não fale assim, mãe, ele pode se magoar.

— Não irá se magoar, ele sabe que é o porquinho mais lindinho e fofinho que existe. Emi, ajude-me a comprar uma sandália nesses sites de importados?

— Ajudo sim. Pai, tranque bem esses cães, não quero voltar para casa e ver sangue do Thor para tudo que é lado.